



Provas públicas para obtenção do Título de Especialista

SWING.PT
Make Over

Nuno Miguel Antunes da Silva

Novembro de 2011

SWING.PT

Make Over

(Juntamente com um exemplar do CD SWING.PT representa o trabalho de natureza profissional para as provas com vista à atribuição do estatuto de especialista)

Nuno Miguel Antunes da Silva

Lisboa, 28 de Novembro de 2011

Índice

Introdução	3
A Ideia.....	3
Planeamento.....	4
Preparação Musical.....	5
A Editora.....	6
Auto-crítica e Conclusão.....	6

INTRODUÇÃO

SWING.PT é um CD que apresenta obras de Scott McAllister, Morton Gould, George Gershwin e Leonard Bernstein, interpretadas pela Banda Sinfónica do Exército dirigida pelo maestro Mitchell Fennell ficando a meu cargo o papel do clarinete solo. Sendo que, todo o projeto foi planeado, organizado e executado por mim, pretendo assim, com este trabalho, descrever e ponderar sobre toda a problemática inerente à realização do mesmo, abordando as várias etapas da sua construção desde o nascimento da ideia até à sua execução, bem como, refletir sobre o resultado final.

A IDEIA

Depois do meu recital de final de curso de mestrado na California State University em 2003, o maestro Mitchell Fennell que se encontrava entre o público, convidou-me para me apresentar como solista com o California State University Wind Ensemble numa digressão de concertos pela costa Oeste dos EUA, interpretando Black Dog-Rhapsody for Clarinet de Scott McAllister. Do sucesso dessa digressão que ocorreu em Março de 2004 e que começou em Los Angeles passando por Lompoc, São Francisco, Sacramento e Reno, nasceu uma forte cumplicidade musical com o maestro Fennell e com a obra executada. As ideias para voltar a repetir a experiência começaram a surgir e desta vez em Portugal, o que viria a acontecer em 2005 com a Orquestra de Sopros do Conservatório Nacional num concerto no Teatro São Luiz em Lisboa, concerto de enorme sucesso. Surge assim, a ideia de registar esta cumplicidade musical em CD. Até este momento, as orquestras de sopro em Portugal, normalmente denominadas "bandas" tinham uma conotação algo negativa no que respeita à sua qualidade musical e ao repertório apresentado. Este concerto e a regular vinda do maestro Mitchell Fennell a Portugal desde 2005 para dar masterclasses de direção de sopros, alterou completamente o

panorama das bandas/orquestras de sopros no nosso país, culminando com a criação do primeiro curso universitário nesta área com o mestrado em direção de banda do Instituto Piaget de Almada, estando à cabeça do projeto o maestro Mitchell Fennell.

PLANEAMENTO

Penso que o registo em CD de qualquer obra deve ser o resultado de uma experiência musical muito profunda, que vai desde o estudo exaustivo da partitura até à sua apresentação em público por diversas vezes. Este processo culmina com eventuais críticas aos concertos, onde o resultado é avaliado por pessoas com gostos e formação diferentes. FOI desta forma que preparei este CD e só assim pude ter uma vaga ideia do impacto que o CD poderia vir a ter no público em geral. Penso que todas as etapas deste processo acima descrito são importantes e fundamentais para o sucesso final do projeto.

Com a ideia de gravar um CD que incluísse Black Dog de Scott McAllister comecei a imaginar um programa para o CD com obras que se complementassem entre si e que contribuíssem para a unidade musical do projeto. As obras Derivations de Morton Gould e Prelude, Fugue and Riffs de Leonard Bernstein que eu havia feito a estreia nacional com a Orquestra Clássica da Madeira em Março de 2003 encaixavam-se perfeitamente no perfil por mim imaginado. As três obras acima referidas têm em comum uma linguagem que vai buscar a sua matriz ao *swing*, bem como, o acompanhamento ser feito por um grupo de sopros, estando o clarinete solista em destaque simulando solos de guitarra elétrica ou intervenções numa jam session. Nestas três obras, os momentos de relaxe e calma musical não abundam, estando a predominância musical mais virada para o virtuosismo e para a exuberância. Desta forma, achei que *Summertime* de George Gershwin (apenas com acompanhamento de piano) complementava do ponto de vista estilístico as outras obras e serviria para dar ao CD uma variante mais intimista, contribuindo para o equilíbrio artístico e emocional do projeto.

Com vista a poder entrar dentro da linguagem e ambiente destas obras, apresentei-as em concerto por diversas vezes e com grupos e maestros diferentes, sujeitando-me à crítica e aprendendo com ela.

PREPARAÇÃO MUSICAL

Apesar de ter estudado e apresentado publicamente por várias vezes ao longo dos últimos anos as obras gravadas neste CD, a preparação para a gravação de um CD é específica. Enquanto num concerto o público ouve a interpretação uma só vez tendo que formular o seu juízo de valor baseado numa só audição e a interpretação daquele dia nunca se repetirá, numa gravação, é possível a audição repetida e comparada, sendo que, o registo discográfico é imutável e perpétuo. A responsabilidade de deixar um registo discográfico para ser ouvido agora ou pelas gerações futuras, é semelhante à publicação de um livro por um escritor, onde cada frase e cada palavra são pensadas e revistas até à exaustão. Assim sendo, fiz questão de comparar as minhas ideias musicais com muitas gravações de referência existentes no mercado, nunca perdendo de vista a autenticidade e o cunho pessoal que queria dar ao projeto.

Do ponto de vista da eficácia, a preparação para uma gravação é bastante distinta da preparação para um concerto. Por razões físicas, psicológicas e financeiras a eficácia numa gravação é fundamental. Não é de todo conveniente ter de repetir o mesmo take muitas vezes, pois fisicamente pode tornar-se cansativo e ser difícil manter os níveis de performance depois de quatro ou cinco horas de gravação. Do ponto de vista psicológico, é importante conseguir fazer bons takes à primeira ou à segunda tentativa, sob pena de se aumentar a pressão psicológica que exercemos sobre nós próprios diminuindo a qualidade de execução. Por último, mas não menos importante, o aspeto financeiro. Atualmente, os estúdios e os respetivos técnicos são muito dispendiosos, e regularmente fazem pagar-se por hora, o que leva a que os prazos previstos para as gravações sejam muito curtos. A precisão e a eficácia são assim armas fundamentais, pois quanto mais rápida for a gravação mais barata fica a mesma.

Um bom plano de gravação pode evitar desperdiçar muito tempo útil de gravação. Na minha opinião, e foi o plano seguido neste CD, deve gravar-se um take inteiro da obra/andamento de forma a ter um take com continuidade musical que servirá de take base para as colagens. De seguida

deve seguir-se escrupulosamente o plano de takes por secções pré-estabelecido, fazendo três takes de cada secção cobrindo cada momento da obra. No final, e aproveitando todas as repetições feitas anteriormente, deve-se voltar a fazer um take da obra/andamento por inteiro. Com este processo, quando se chega à fase da masterização, existe para cada momento da obra cinco versões para escolher a melhor.

A EDITORA

A escolha da editora baseou-se em três critérios: envolvimento artístico com o projeto, participação financeira no projeto, reprodução com alta qualidade da master do CD e divulgação do CD por todo o mundo. Desde os primeiros contatos com a editora Numérica que senti que gostavam do conteúdo musical do CD e acreditavam no seu sucesso, fator que para mim era fundamental. Esta cumplicidade artística levou a que a editora partilhasse os custos do CD mostrando assim que acreditava no seu sucesso de vendas. Sendo uma editora desde à muito instalada no nosso meio musical e com provas dadas na promoção de músicos e compositores portugueses, oferecia todas as garantias sobre a qualidade dos serviços que fornece, nomeadamente na promoção e divulgação do CD, tanto a nível nacional como internacional.

AUTO-CRÍTICA E CONCLUSÃO

Depois de ter participado na masterização deste CD e de o ter ouvido exaustivamente, penso ter hoje o conhecimento e a distância necessária para formular uma opinião crítica sobre o mesmo. Depois de editado mas antes de ser distribuído e comercializado, tive a oportunidade de mostrar o CD a colegas, pedindo-lhes que o criticassem. Este teste foi muito importante para mim, pois tratava-se da opinião de profissionais que respeito muito a sua opinião sendo alguns deles referências mundiais do clarinete. Foi com agrado que constatei que as suas opiniões foram muito favoráveis e encorajadoras. Apesar de ser sempre bom ouvir estas generosas opiniões, nunca perdi o meu sentido auto-crítico que me leva a considerar que alguns aspetos poderiam ter sido feitos de forma diferente. Há dois aspetos que não estão do meu agrado no resultado final do CD, um tem a ver com a captação e mistura do som e o

outro com a prestação musical da Banda Sinfónica do Exército em alguns momentos do CD. A sala onde o CD foi gravado (Quartel do Exército em Queluz) tem uma acústica muito seca pelo que, todo o ambiente de sala teve que ser criado em estúdio. Penso que a criação deste ambiente não foi bem conseguida por parte do técnico, sendo que, umas vezes ouve-se a falta de ressonância da sala e outras ouve-se um ambiente demasiado construído e artificial. A mistura também não foi a ideal ouvindo-se por vezes discrepâncias de volume entre naipes ou mesmo entre clarinete e banda. A prestação musical da banda foi outro aspeto que deixou algo a desejar, nomeadamente no último andamento de Derivations de Morton Gould (Ride Out) e no Riffs de Leonard Bernstein onde na minha opinião, falta definição e regularidade rítmica tornando o acompanhamento da banda algo confuso.

Apesar de importantes, estes aspetos pouco retiram à qualidade intrínseca do CD, que na minha opinião mantém intacta a mensagem musical das obras gravadas. Estão patentes o cuidado estilístico do fraseado, bem como, a profundidade da interpretação. Penso que este CD não defrauda quem o ouve e dá uma imagem fidedigna da minha pessoa enquanto músico e clarinetista deixando bem vincada uma forma genuína de fazer música e de tocar clarinete.